

MIA COUTO

# Vozes anoitecidas

*Contos*

Copyright © 2013 by Mia Couto, Editorial Caminho SA, Lisboa

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas/  
Secretaria de Estado e da Cultura — Portugal

PORTUGAL  
BRASIL  
AGORA



GOVERNO DE  
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA

DG  
LB  
DIREÇÃO-GERAL  
DO LIVRO, DOS  
ARQUIVOS E  
DAS BIBLIOTECAS

*A editora manteve a grafia vigente em Moçambique, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.*

*Capa*

Rita da Costa Aguiar

*Foto de capa*

© David Samuel Robbins/ Corbis/ Latinstock

*Revisão*

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Couto, Mia

Vozes anoteicidas : Contos / Mia Couto. — 1ª ed. —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2338-4

1. Contos moçambicanos I. Título.

---

13-09693

CDD-m869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura moçambicana 869.3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Índice

Prefácio à edição portuguesa.....	7
Como se fosse um prefácio.....	11
Texto de abertura .....	17
A fogueira.....	19
O último aviso do corvo falador .....	27
O dia em que explodiu Mabata-bata .....	39
Os pássaros de Deus .....	49
De como se vazou a vida de Ascolino do Perpétuo Socorro .....	57
Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?.....	73
Saíde, o Lata de Água.....	85
As baleias de Quissico.....	93
De como o velho Jossias foi salvo das águas.....	103
A história dos aparecidos .....	115
A menina de futuro torcido .....	125
Patanhoca, o cobreiro apaixonado.....	133
Glossário .....	151

# A fogueira

A velha estava sentada na esteira, parada na espera do homem saído no mato. As pernas sofriam o cansaço de duas vezes: dos caminhos idosos e dos tempos caminhados.

A fortuna dela estava espalhada pelo chão: tigelas, cestas, pilão. Em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho.

O velho foi chegando, vagaroso como era seu costume. Pastoreava suas tristezas desde que os filhos mais novos foram na estrada sem regresso.

*“Meu marido está diminuir”,* pensou ela. *“É uma sombra.”*

Sombra, sim. Mas só da alma porque o corpo quase que não tinha. O velho chegou mais perto e arrumou a sua magreza na esteira vizinha. Levantou o rosto e, sem olhar a mulher, disse:

— *Estou a pensar.*

— *É o quê, marido?*

— *Se tu morres como é que eu, sozinho, doente e sem as forças, como é que eu vou-lhe enterrar?*

Passou os dedos magros pela palha do assento e continuou:

— *Somos pobres, só temos nada. Nem ninguém não temos. É melhor começar já a abrir a tua cova, mulher.*

A mulher, comovida, sorriu:

— *Como és bom marido! Tive sorte no homem da minha vida.*

O velho ficou calado, pensativo. Só mais tarde a sua boca teve ocasião:

— *Vou ver se encontro uma pá.*

— *Onde podes levar uma pá?*

— *Vou ver na cantina.*

— *Vais daqui até na cantina? É uma distância.*

— *Hei de vir da parte da noite.*

Todo o silêncio ficou calado para ela escutar o regresso do marido. Farrapos de poeira demoravam o último sol, quando ele voltou.

— *Então, marido?*

— *Foi muito caríssima* — e levantou a pá para melhor a acusar.

— *Amanhã de manhã começo o serviço de covar.*

E deitaram-se, afastados. Ela, com suavidade, interrompeu-lhe o adormecer:

— *Mas, marido...*

— *Diz lá.*

— *Eu nem estou doente.*

— *Deve ser que estás. Você é muito velha.*

— *Pode ser* — concordou ela. E adormeceram.

Ao outro dia, de manhã, ele olhava-a intensamente.

— *Estou a medir o seu tamanho. Afinal, você é maior que eu pensava.*

— *Nada, sou pequena.*

Ela foi à lenha e arrancou alguns toros.

— *A lenha está para acabar, marido. Vou no mato levar mais.*

— *Vai mulher. Eu vou ficar covar seu cemitério.*

Ela já se afastava quando um gesto a prendeu à capulana e, assim como estava, de costas para ele, disse:

— *Olha, velho. Estou pedir uma coisa...*

— *Queres o quê?*

— *Cova pouco fundo. Quero ficar em cima, perto do chão, tocar a vida quase um bocadinho.*

— *Está certo. Não lhe vou pisar com muita terra.*

Durante duas semanas o velho dedicou-se ao buraco. Quanto mais perto do fim mais se demorava. Foi de repente, vieram as chuvas. A campá ficou cheia de água, parecia um charco sem respeito. O velho amaldiçoou as nuvens e os céus que as trouxeram.

— *Não fala asneiras, vai ser dado o castigo* — aconselhou ela. Choveram mais dias e as paredes da cova ruíram. O velho atravessou o seu chão e olhou o estrago. Ali mesmo decidiu continuar. Molhado, sob o rio da chuva, o velho descia e subia, levantando cada vez mais gemidos e menos terra.

— *Sai da chuva, marido. Você não aguenta, assim.*

— *Não barulha, mulher* — ordenou o velho. De quando em quando parava para olhar o cinzento do céu. Queria saber quem teria mais serviço, se ele se a chuva.

No dia seguinte o velho foi acordado pelos seus ossos que o puxavam para dentro do corpo dorido.

— *Estou a doer-me, mulher. Já não aguento levantar.*

A mulher virou-se para ele e limpou-lhe o suor do rosto.

— *Você está cheio com a febre. Foi a chuva que apanhaste.*

— *Não é, mulher. Foi que dormi perto da fogueira.*

— *Qual fogueira?*

Ele respondeu um gemido. A velha assustou-se: qual o fogo que o homem vira? Se nenhum não haviam acendido?

Levantou-se para lhe chegar a tigela com a papa de milho. Quando se virou já ele estava de pé, procurando a pá. Pegou nela e arrastou-se para fora de casa. De dois em dois passos parava para se apoiar.

— *Marido, não vai assim. Come primeiro.*

Ele acenou um gesto bêbado. A velha insistiu:

— *Você está esquerdear, direitar. Descansa lá um bocado.*

Ele estava já dentro do buraco e preparava-se para retomar a obra. A febre castigava-lhe a teimosia, as tonturas dançando com os lados do mundo. De repente, gritou-se num desespero:

— *Mulher, ajuda-me.*

Caiu como um ramo cortado, uma nuvem rasgada. A velha correu para o socorrer.

— *Estás muito doente.*

Puxando-o pelos braços ela trouxe-o para a esteira. Ele ficou deitado a respirar. A vida dele estava toda ali, repartida nas costelas que subiam e desciam. Neste deserto solitário, a morte é um simples deslizar, um recolher de asas. Não é um rasgão violento como nos lugares onde a vida brilha.

— *Mulher* — disse ele com voz desaparecida. — *Não lhe posso deixar assim.*

— *Estás a pensar o quê?*

— *Não posso deixar aquela campa sem proveito. Tenho que matar-te.*



— *É verdade, marido. Você teve tanto trabalho para fazer aquele buraco. É uma pena ficar assim.*

— *Sim, hei de matar você; hoje não, falta-me o corpo.*

Ela ajudou-o a erguer-se e serviu-lhe uma chávena de chá.

— *Bebe, homem. Bebe para ficar bom, amanhã precisas da força.*

O velho adormeceu, a mulher sentou-se à porta. Na sombra do seu descanso viu o sol vazar, lento rei das luzes. Pensou no dia e riu-se dos contrários: ela, cujo nascimento faltara nas datas, tinha já o seu fim marcado. Quando a lua começou a acender as árvores do mato ela inclinou-se e adormeceu. Sonhou dali para muito longe: vieram os filhos, os mortos e os vivos, a machamba encheu-se de produtos, os olhos a escorregarem no verde. O velho estava no centro, gravatado, contando as histórias, mentira quase todas. Estavam ali os todos, os filhos e os netos. Estava ali a vida a continuar-se, grávida de promessas. Naquela roda feliz, todos acreditavam na verdade dos velhos, todos tinham sempre razão, nenhuma mãe abria a sua carne para a morte. Os ruídos da manhã foram-na chamando para fora de si, ela negando abandonar aquele sonho, pediu com tanta devoção como pedira à vida que não lhe roubasse os filhos.

Procurou na penumbra o braço do marido para acrescentar força naquela tremura que sentia. Quando a sua mão encontrou o corpo do companheiro viu que estava frio, tão frio que parecia que, desta vez, ele adormecera longe dessa fogueira que ninguém nunca acendera.

O último aviso do corvo falador

Foi ali, no meio da praça, cheio da gente bichando na cantina. Zuzé Paraza, pintor reformado, cuspiu migalhas do cigarro “mata-ratos”. Depois, tossiu sacudindo a magreza do seu todo corpo. Então, assim contam os que viram, ele vomitou um corvo vivo. O pássaro saiu inteiro das entranhas dele. Estivera tanto tempo lá dentro que já sabia falar. Embrulhado nos cuspes, ao princípio não parecia. A gente rodou à volta do Zuzé, espreitando o pássaro caído da sua tosse. O bicho sacudiu os ranhos, levantou o bico e, para espanto geral, disse as palavras. Sem boa pronúncia, mas com convicção. Os presentes perguntaram:

— *Está falar, o gajo?*

Riram-se, alguns. Mas a voz das mulheres interrompeu-lhes:

— *Não riam-se.*

Zuzé Paraza aconselhou:

— *Isto não é um pássaro qualquer. É bom ter respeito.*

— *Ei, Zuzé. Traduza lá o discurso dele. Você deve saber o dialeto do corvo.*

— *Com certeza, sei. Mas agora não, agora não quero traduzir.* — Já centro das atenções, acrescentou: — *Esse corvo é dono de muitos segredos.*

E arrumando a ave no ombro esquerdo, retirou-se. Atrás ficaram os comentários. Agora já entendiam os ataques de tosse do pintor. Era um pedaço de céu que estava-lhe dentro. Ou talvez eram as penas a comicharem-lhe a garganta. As dúvidas somavam mais que as respostas.

— *Um homem pode parir nos pulmões?*

— *Dar parto um pássaro? Só se o velho namorava as corvas lá nas árvores.*

— *Vão ver que é a alma da mulher falecida que transferiu no viúvo.*

No dia seguinte, Zuzé confirmou esta última versão. O corvo vinha lá da fronteira da vida, ninhara nos seus interiores e escolhera o momento público da sua aparição.

Os outros que aproveitassem obter informações dos defuntos, situação e paradeiro dos antepassados. O corvo, através da sua tradução, responderia às perguntas. Os pedidos logo acorreram, numerosos. Zuzé já não tinha quarto, era gabinete. Não dava conversa, eram consultas. Prestava favores, adiava as datas, demorava atendimentos. Pagava-se com tabela: morridos no ano corrente, cinquenta escudos; comunicação com anos transatos, cento e cinquenta; mortos fora de prazo, duzentos e cinquenta.

E aqui entra na história dona Candida, mulata de volumosa bondade, mulher sem inimigo. Recém-viúva, já ex-viúva. Casou rápido segunda vez, desforrando os destemperos da ausência. Quando recasou,

escolheu Sulemane Amade, comerciante indiano da povoação. Não tinha passado tempo desde que morrera Evaristo Muchanga, seu primeiro marido.

Mas Candida não podia guardar a vida dela. Seu corpo ainda estava para ser mexido, podia até ser mãe. Verdade é que, nesse intervalo, nunca foi muito viúva. Era uma solitária de acidente, não de crença. Nunca abrandou de ser mulher.

— *Casei. E depois? Preciso explicar o quê?*

E nestas palavras, dona Candida começou sua queixa para Zuzé Paraza. Quando se soube solicitado, o adivinho até adiantou a data da consulta. Nunca tinha chegado uma mulata. Os préstimos de Zuzé nunca tinham sido chamados tão acima.

— *Não sou qualquer, sr. Paraza. Como é que me sucede uma coisa dessas?*

A gorda senhora explicou suas aflições: o segundo casamento decorria sem demais. Até que o novo marido, o Sulemane, passou a sofrer de estranhos ataques. Aconteciam à noite, nos momentos em que preparavam namoros. Ela tirava o sutiã, o Sulemane chegava-se, pesado. Era então que aparecia o feitiço: grunhidos em lugar da fala, babas nos lábios, vesgueira nos olhos. Sulemane, confessava ela, o meu Sulemane salta da cama e assim, todo despido, gatinha, fareja, esfrega no chão e, por fim, focinha no tape. Depois, todo suado, o coitadinho pede água, acaba um garrafão. Não fica logo-logo o mesmo: demora a recuperar. Gagueja, só ouve do direito e adormece de olhos abertos. A noite inteira, aqueles olhos tortos a mentir que olham, é um horror. Ai, sr. Zuzé, me salve. Sofro de mais, até tenho dúvidas de Deus. Isto é obra de Evaristo, maldição dele. Éramos felizes eu e Sulemane. Agora, nós ambos já

somos três. Meu Deus, por que não esperei? Por que ele não me deixa?

Zuzé Paraza cruzou as mãos, acariciou corvo. Tinha suas suspeitas: Evaristo era de raça negra, natural da região. Dona Candida, com certeza não cumprira as cerimónias da tradição para afastar a morte do primeiro marido. Engano seu, ela cumprira.

— *Cerimónias completas?*

— *Claro, sr. Paraza.*

— *Mas como? A senhora assim mulata da sua pele, quase branca da sua alma?*

— *Ele era preto, o senhor sabe. Pedido foi da família dele, eu segui.*

Paraza, intrigado, parece ainda duvidar.

— *Matou o cabrito?*

— *Matei.*

— *O bicho gritou enquanto a senhora cantava?*

— *Gritou, sim.*

— *E que mais, dona Candida?*

— *Fui ao rio lavar-me da morte dele. Levaram-me as viúvas, banharam comigo. Tiraram um vidro e cortaram-me aqui, nas virilhas. Disseram que era ali que o meu marido dormia. Coitadas, se soubessem onde o Evaristo dormia...*

— *E o sangue saiu bem?*

— *Hemorragia completa. As viúvas viram. Pelo sangue disseram que me entendia bem com ele. Não desmenti, preferi assim.*

Zuzé Paraza meditou, teatroso. Depois, soltou o corvo. O bicho esvoaçou e pousou no ombro amplo da Candida. Ela encolheu as carnes, arrepiada das cócegas. Espreitou o animal, desconfiada. Olhado assim, o corvo era feio por de mais. Quem quiser apreciar a beleza de um pássaro não pode olhar as

patas. Os pés das aves guardam o seu passado escamoso, herança dos rastejantes lagartos.

O corvo rodou no poleiro redondo da mulata.

— *Desculpe, sr. Zuzé: ele não me vai cagar em cima?*

— *Não fale, dona Candida. O bicho precisa concentrar.*

Por fim, o pássaro pronunciou-se. Zuzé escutava de olhos fechados, ocupado no esforço da tradução.

— *Que foi que disse ele?*

— *Não foi o pássaro que falou. Foi o Varisto.*

— *Evaristo?* — desconfiou ela. — *Com aquela voz?*

— *Falou através do bico, não esqueça.*

A gorda ficou séria, ganhando créditos.

— *Sr. Zuzé, aproveite a ligação para lhe pedir... peça-lhe...*

Arrependendo-se, dona Candida desiste do intermediário e começa ela de berrar no corvo poleirado no seu ombro:

— *Evaristo, me deixa em paz. Faça-me o favor, deixa-me sozinha, sossegada na minha vida.*

O pássaro, incomodado com a gritaria, saltou do poiso. Paraza impôs a ordem:

— *Dona Candida, não vale a pena agitar. Viu? O pássaro sustou.*

A consultante, esgotada, chorou.

— *A senhora escutou o pedido do falecido?*

Com a cabeça, ela negou. Ouvira só o corvo, igual aos demais, desses que saltitam nos coqueiros.

— *O falecido, dona Candida, está pedir uma mala cheia com roupa dele, dessa que ele costumava usar.*

— *Roupa dele? Já não tenho. Eu não disse que pratiquei essas vossas cerimónias? Rasguei, esburaquei a roupa, quando ele morreu. Foi assim que me manda-*

*ram. Disseram que devia fazer buracos para a roupa soltar o último suspiro. Sim, eu sei: se fosse agora não cortava nada. Aproveitava tudo. Mas naquele tempo, sr. Paraza...*

*— É uma maçada, dona Candida. O defunto está mesmo precisado. Nem imagina os frios que dão lá nos mortos.*

A mulata ficou parada, imaginando Evaristo tremendo, sem amparo dos tecidos. Apesar das maldades que ele causara, não merecia tal vingança. Remediou os ditos: havia de roubar as roupas do Sulemane e trazer tudo num embrulho escondido.

*— O Sulemane não pode saber disto. Meu Deus, se ele desconfia!*

*— Fica descansada, dona Candida. Ninguém vai saber. Só eu e o corvo.*

E, no último instante, antes de sair, a gorda:

*— Como será que o Evaristo pode aceitar, naquele ciúme que levou para o outro mundo, como é que pode aceitar a roupa do meu novo marido?*

*— Aceita. Roupas são roupas. O frio manda mais que ciúme.*

*— Tem a certeza, sr. Paraza?*

*— Experiência que tenho é essa. Os mortos ficam friorentos porque são ventados e chuviscados. Daí que ganham inveja da quentura dos vivos. Vai ver, dona Candida, que essa roupa vai acalmar as vinganças do Evaristo.*

E a gorda mulata confessou o seu receio, nem bem com os mortos nem bem com os vivos:

*— O meu medo, agora, é o Sulemane. Ele mata-me, a mim e ao senhor.*

Zuzé Paraza levantou-se, confiante. Colocou a mão no braço da cliente e acalmou-a:



— *Estive assim pensageiro, dona Candida. E encontrei a solução. A senhora é que vai descobrir o roubo e comunicar o seu marido. Pronto, foi um ladrão qualquer, há tantos deles aqui.*

Uma semana depois, chegou uma mala cheiinha. Calças, camisas, cuecas, gravatas, tudo. Uma fortuna. Zuzé começou de experimentar o fato castanho. Estava largo, medida era de um comerciante, homem de esperar sentado, comer bem. Enquanto ele, um pintor, puxava tamanho menor. Era tão magro que nem pulgas nem piolhos lhe escolhiam.

Procurou na mala uma gravata a condizer. Havia mais de dez. Junto com cuecas de perna comprida, peúgas sem remendos. Sulemane devia ter ficado descuecado. O seu guarda-fato era agora um guarda-nada.

Vestido das aldrabices da sua invenção, Zuzé Paraza puxou a garrafa de xicadjú. Para festejar, somou mais de dez copos. Foi então que o álcool começou a aldrabar a esperteza dele, também. Havia uma voz que teimava de dentro:

— *Essas roupas são minhas próprias, não foi ninguém que deu, não vieram de nenhuma parte. São minhas!*

E assim, convencido que era dono dos enfeites, decidiu sair, gingar fora. Parou na cantina, mostrou as vaidades, casacado, gravatado. As vozes em volta encheram-se de invejas:

— *Aquela roupa não é dele. Parece já vi um alguém com ela.*

E os presentes, lembrando, chegaram ao dono: eram de Sulemane Amade. Exatamente, eram. Como foram parar aquelas roupas no Zuzé, sacana, telefonista das almas? Roubou, o gajo. Esse corveiro entrou na casa do Sulemane. E partiram a avisar o indiano.

Desconhecendo as manobras, Zuzé continuou exibindo suas despertenças. O corvo acompanhava-o, grasnando-lhe em cima. Ele, desendireitando-se, fazia o coro.

Foi então que, no cruzamento da cantina, surgiu Sulemane, espumando fúrias. Avançou no pintor e apertou-lhe o pescoço. Zuzé balançava dentro do fato largo.

— *Onde é que tiraste este fato, ladrão?*

O pintor queria explicar mas desconseguia. Em volta, o corvo saltitava, tentando pousar-lhe na cabeça instável. Quando o indiano aliviou, Zuzé murmurou:

— *Sulemane, não me mate. Não roubei. Esta roupa fui dado.*

O indiano não abandonara violências. Mudara de tática: do pescoço para pontapés. Zuzé pulava em concorrência com o corvo.

— *Quem te deu a minha roupa, grande aldrabão?*

— *Para de me dar pontapés! Vou explicar.*

Zuzé Paraza aproveitou uma trégua e atirou, certo:

— *Foi a tua mulher, Sulemane. Foi dona Candida que me deu essa roupa.*

— *Candida deu-te? Mentira, sacana.*

Choveram murros, pontapés, bofetadas. A assistência, em volta, aplaudia.

— *Fala verdade, Paraza. Não me vergonhes com essa história da minha mulher.*

Mas o velho pintor não falava, demasiado ocupado em se desviar das porradas. Uma dessas bofetadas que voava na direção do nariz do Paraza foi embater no pássaro. Arremessado, o corvo volteou no chão, asa

partida, esperneando os finais. Todos pararam à volta da agonia da ave. As vozes aflitas:

— *Sulemane se você mataste o corvo, estás mal com a sua vida.*

— *Estou mal, o caraças! Quem é que acredita num corvo a falar com espíritos?*

Zuzé a sangrar do nariz respondeu, com gravidade:

— *Se você num acredita, deixa. Mas esse corvo que deste porrada vai-lhe trazer desgraça.*

Má lembrança do Zuzé Paraza. O indiano começou a pancadaria. Duas porradas foram dadas, três falharam. O pintor diminuía resistência. O álcool no seu sangue atrapalhava-lhe os desvios. Até que um soco derruba Zuzé. Desamparado, cai em cima do corvo. No meio da poeira Zuzé Paraza retira o pássaro morto debaixo de si. Ergue o corvo mágico e aponta-o para o indiano.

— *Mataste o pássaro, Sulemane! Estás lixado. Vais ver que o que te vai acontecer! Hás de gatinhar como um porco!*

Então, deu-se o incrível. Sulemane começa as tremuras, grunhidos, roncões, babas e espuma. Cai sobre os joelhos, rasteja, revolve-se nas areias. O povo aterrado foge: a maldição do Zuzé ficara verdade. Sulemane, convulso, parece uma galinha a quem se cortou a cabeça. Por fim, para, cansado dos demónios que o sacudiram. Zuzé sabe que a seguir ele vai sentir sede. Aproveita e ordena:

— *Vais ficar com sede, seu porco-espinho! Vais chorar por água!*

Provas do poder de Zuzé estavam ali: o Sulemane joelhado suplicando água, chorando para que matassem a sede que o matava.

A notícia, como um relâmpago, correu a povoação. Afinal, esse Zuzé! Era mesmo, o gajo. Dono de bruxezas, realmente. No dia seguinte, todos levantaram cedo. Correram à casa de Zuzé Paraza. Todos queriam ver o pintor, todos queriam-lhe pedir favor, encomendar felicidades.

Quando chegaram, encontraram a casa vazia. Zuzé Paraza tinha partido. Procuram no horizonte vestígios do adivinho. Mas os olhares morreram nos capins do longe onde os grilos se calam. Revistaram a casa abandonada. O velho tinha levado todas as coisas. Ficara uma gaiola pendurada no teto. Baloiçava, viúva, hóspede do silêncio. Com o medo crescendo dentro, os visitantes saíram para as traseiras. Foi então que, no pátio, viram o sinal da maldição: um pássaro morto, desenterrado. Sobre a vida quieta soprava uma brisa que, aos poucos, arrancava e lançava no ar as penas magras do corvo falador.

Aceitando o aviso, os habitantes começaram a abandonar a povoação. Saíram em grupos uns, sozinhos outros, e por muitos dias vaguearam errantes como as penas que o vento desmanchava na distância.